

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

NICOLE DE SOUZA FERNANDES

**“VIDAS SECAS”, DE GRACILIANO RAMOS, E “OS FLAGELADOS DO VENTO
LESTE”, DE MANUEL LOPES: UM ESTUDO DO NÚCLEO FAMILIAR À LUZ DA
METODOLOGIA COMPARATISTA**

**Bagé/RS
2023**

NICOLE DE SOUZA FERNANDES

**“VIDAS SECAS”, DE GRACILIANO RAMOS, E “OS FLAGELADOS DO VENTO
LESTE”, DE MANUEL LOPES: UM ESTUDO DO NÚCLEO FAMILIAR À LUZ DA
METODOLOGIA COMPARATISTA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Licenciatura em Letras - Português e
Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade
Federal do Pampa, como requisito parcial para
obtenção do Título de Licenciado em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Miriam Denise Kelm

**Bagé
2023**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

FF363"" Fernandes, Nicole de Souza
"Vidas Secas", de Graciliano Ramos, e "Os Flagelados do
Vento Leste", de Manuel Lopes: um estudo do núcleo familiar à
luz da metodologia comparatista. / Nicole de Souza Fernandes.
36 p.

Trabalho de Conclusão de Curso(Graduação)-- Universidade
Federal do Pampa, LETRAS - PORTUGUÊS E LÍTERATURAS DE LÍNGUA
PORTUGUESA, 2023.

"Orientação: Miriam Denise Kelm".

1. Seca. 2. Literatura Comparada. 3. Núcleo Familiar. 4.
Graciliano Ramos. 5. Manuel Lopes . I. Título.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

Universidade Federal do Pampa

NICOLE DE SOUZA FERNANDES

**“VIDAS SECAS”, DE GRACILIANO RAMOS, E “OS FLAGELADOS DO VENTO
LESTE”, DE MANUEL LOPES: UM ESTUDO DO NÚCLEO FAMILIAR À LUZ DA
METODOLOGIA COMPARATISTA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Licenciatura em Letras Português e
Literaturas de Língua Portuguesa, da Universidade
Federal do Pampa, como requisito parcial para
obtenção do Título de Licenciado em Letras.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 18/12/2023.

Banca examinadora:

Profa. Dra. Miriam Denise Kelm Orientador
(UNIPAMPA)

Profa. Dra. Zila Letícia Goulart Pereira Rego
(UNIPAMPA)

Prof. Dr. Thiago Santos da Silva
(UNIPAMPA)



Assinado eletronicamente por **MIRIAM DENISE KELM, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 20/12/2023, às 14:10, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **THIAGO SANTOS DA SILVA, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 20/12/2023, às 17:56, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **ZILA LETICIA GOULART PEREIRA REGO, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 20/12/2023, às 18:01, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1336666** e o código CRC **B79DBDA6**.

Referência: Processo nº 23100.025903/2023-75 SEI nº 1336666

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar minha sincera gratidão a todos que contribuíram para a realização deste Trabalho de Conclusão de Curso.

Primeiramente, quero agradecer à minha família, que sempre esteve ao meu lado, apoiando-me emocional e financeiramente, que sempre buscou priorizar pela minha educação.

A minha orientadora Profa. Dra. Miriam Denise Kelm, que me inspirou a tomar gosto pela literatura africana de língua portuguesa. Agradeço pela orientação constante, paciência e incentivo, pois foram fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho. Seu apoio foi um guia essencial ao longo deste processo.

Aos meus amigos que sempre estiveram ao meu lado me apoiando e tranquilizando, me fazendo acreditar que eu era capaz, mas um agradecimento em especial para a minha melhor amiga Ester Alves, que me acompanha há dezoito anos, e que sempre me incentivou a correr atrás do meu sonho de ser professora.

Ao BTS (Bangtan Sonyeondan), por trazer conforto e calma para o meu coração através das músicas, nos momentos que me faziam questionar se esse era o caminho certo a seguir.

A cada professor deste curso que me fez acreditar que eu poderia ser uma boa professora, e que me incentivam todos os dias.

“Entrava dia e saía dia. As noites cobriam a terra de chofre. A tampa anilada baixava, escurecia, quebrada apenas pelas vermelhidões do poente.”

Graciliano Ramos

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso, cujo título é “Vidas Secas”, de Graciliano Ramos, e “Os Flagelados do Vento Leste”, de Manuel Lopes: um estudo do núcleo familiar à luz da metodologia comparatista, faz uma análise comparativa das obras, e mostra que ambas compartilham semelhanças temáticas, através da observação dos personagens adultos de ambas as famílias, explorando a vida agrária, a seca, as injustiças sociais e as dificuldades enfrentadas pelas populações menos favorecidas. O estudo identificou as particularidades que se destacam em cada obra e compreende como as influências literárias sob a perspectiva comparatista, especialmente o Romance de 30 brasileiro, se manifestam na literatura cabo-verdiana e como a inspiração na literatura brasileira contribui para a afirmação da identidade cultural de Cabo Verde. Além disso, pretendeu-se mostrar a relevância da produção literária brasileira na construção de uma consciência cultural e social em Cabo Verde, promovendo a reflexão sobre a busca por uma expressão literária autêntica que dialogasse com as questões locais, mas também se conectasse a movimentos literários e sociais mais amplos. A análise pretende, assim, contribuir para a compreensão da interconexão entre literaturas de diferentes regiões e a forma como essas interações moldam as narrativas e as identidades culturais. Ambos os romances revelam a luta constante contra a seca e as diferentes formas de resistência adotadas pelas famílias que protagonizam as narrativas. Para o estudo, são fundamentais os textos teórico-críticos de autores como: Alfredo Bosi, José L. Cabaço, Tania Carvalhal, Rita Chaves, Cremilda de Araújo Medina e Jane Tutikian, entre outros.

Palavras-chaves: Seca. Literatura Comparada. Núcleo Familiar. Graciliano Ramos. Manuel Lopes.

ABSTRACT

This final paper, whose title is “Vidas Secas”, by Graciliano Ramos, and “Os Flagelados do Vento Leste”, by Manuel Lopes: a study about family nucleus in the view of comparative methodology, showing that both share similar themes, exploring countryside life, the drought, social injustices and the difficulties faced by disadvantaged populations. The study seeks to identify the particularities that stand out in each piece and to understand how literacy influences, especially the 30’s Brazilian romances, manifest in Cape Verdean literature and how the inspiration in Brazilian literature contributed to the affirmation Cape Verde’s cultural identity. Furthermore, we want to show the significance of Brazilian literary production in the construction of cultural and social awareness in Cape Verde, promoting reflection on the seek for an authentic literary expression, that dialogues with local issues, but also connects wider literary and social movements. The analysis intends, in this way, contributes to the understanding of interconnections between literatures from different regions and the way in which these interactions shape cultural and narrative identities. Both novels reveal the constant struggle against the drought and the different ways of resistance, adopted by the families that center the narrative. Were fundamental for this study, theoretical-critical texts by author such as: Alfredo Bosi, José L. Cabaço, Tania Carvalhal, Rita Chaves, Cremilda de Araújo and Jane Tutikian, and others.

Keywords: Drought. Comparative Literature. Family Nucleus. Graciliano Ramos. Manuel Lopes.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 AS CONEXÕES ENTRE A LITERATURA BRASILEIRA E AS LITERATURAS AFRICANAS EM LÍNGUA PORTUGUESA.....	13
3 A LITERATURA CABO-VERDIANA E A INSULARIDADE.....	16
3.1 Manuel Lopes.....	18
3.2 Apresentação geral de “Os Flagelados do Vento Leste” de Manuel Lopes.....	19
4 A LITERATURA BRASILEIRA (O ROMANCE DE 30).....	20
4.1 Graciliano Ramos.....	21
4.2 Apresentação geral de “Vidas Secas” de Graciliano Ramos.....	21
5 ANÁLISE DAS OBRAS SOB A PERSPECTIVA COMPARATISTA.....	23
5.1 Sobre os pressupostos comparatistas.....	23
5.2 A personagem de ficção nos Estudos Literários.....	24
6 ANÁLISE DAS OBRAS.....	26
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
8 REFERÊNCIAS.....	35

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como objeto de estudo a análise das obras "Vidas Secas", de Graciliano Ramos (1938), e "Os Flagelados do Vento Leste", do cabo-verdiano Manuel Lopes (1960), a partir das orientações metodológicas da Literatura Comparada, em especial sobre como se apresenta o núcleo familiar presente em ambas as obras citadas. As duas famílias estão passando por um momento de vulnerabilidade nas narrativas e possuem um núcleo familiar parecido. As obras, porém, foram publicadas e escritas em contextos diferentes, e a partir desses contextos será estabelecida uma comparação das mesmas, suas ações e reações em relação à seca e à fome, através do estudo das personagens que as compõem.

A Literatura Comparada fundamenta esta pesquisa; por meio dela tentará se evidenciar a rede de influências que aproximou a literatura brasileira e a cabo-verdiana nos dois romances analisados. Tendo como objetivo geral fazer uma análise comparada da estrutura familiar presente nas obras "Vidas Secas", e "Os Flagelados do Vento Leste", demonstraremos como o contexto sócio-histórico e ambiental foi crucial nas decisões tomadas por ambas as famílias em destaque nas narrativas, aproximando-as e distanciando-as em vários momentos.

Conheci as obras "Vidas Secas", de Graciliano Ramos e "Os Flagelados do Vento Leste", de Manuel Lopes, em 2022 no projeto de pesquisa "Autores africanos/leitores da produção literária brasileira", coordenado pela professora Dra. Miriam Denise Kelm, do Curso de Licenciatura em Letras - Português e Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Federal do Pampa - Campus Bagé/RS. Já tinha escutado falar sobre a importância de "Vidas Secas" na Literatura Brasileira por conta de algumas disciplinas do curso, mas foi através do projeto que eu descobri que essa obra tinha uma grande relevância para os países africanos de língua portuguesa. O que me fez querer ter essas obras como parte fundamental da minha pesquisa foi o impacto que ambas causaram em mim; não era o tipo de literatura que me atraía. No entanto, foram elas que me fizeram ler mais sobre uma realidade que nós, como leitores, tentamos esquecer porque "dói" ler. O abandono do governo em relação à fome que ambas as famílias protagonistas das obras passam, e como em determinados momentos eles perdem a sua "humanidade" para sobreviver, e "Vidas Secas" ter sido uma leitura influente para Manuel Lopes são fatores que me levaram a querer desenvolver uma análise comparada das obras.

O capítulo 1 trata da Introdução do trabalho, apresentando as principais coordenadas; no 2 são trabalhadas as conexões literárias e culturais entre Brasil e África, mais especificamente com Cabo Verde e sobre como culturas tão distantes geograficamente possuem similaridades. O capítulo

3 traz o percurso histórico da Literatura cabo-verdiana e aspectos biográficos do autor Manuel Lopes, além da apresentação da obra “Os Flagelados do Vento Leste”. No capítulo 4 entramos na Literatura Brasileira, trazendo o Romance de 30 com Graciliano Ramos e “Vidas Secas”. No capítulo 5 é apresentada a análise das obras sob a perspectiva comparatista, resgatando alguns pressupostos sobre a funcionalidade da categoria personagem nos Estudos Literários. No capítulo 6 teremos as considerações finais sobre a pesquisa, e o capítulo 7 traz as referências que foram usadas para basear este trabalho.

2 AS CONEXÕES ENTRE A LITERATURA BRASILEIRA E AS LITERATURAS AFRICANAS EM LÍNGUA PORTUGUESA

A identidade literária de Cabo Verde está associada ao aparecimento da “Revista Claridade” (1936-1960), porque através dela o arquipélago buscava afirmar a sua emancipação cultural, social e política. Baltasar Lopes da Silva era um dos criadores da revista e reconhecia a influência que o neo-realismo do romance brasileiro do Nordeste exercia sobre a literatura cabo-verdiana, porque existia uma identificação com a Literatura Brasileira e suas temáticas em relação a Cabo Verde.

Há pouco mais de vinte anos eu e um grupo de reduzidos amigos [...] começamos a pensar no nosso problema, isto é, no problema de Cabo Verde. Preocupava-nos sobretudo o processo de formação social destas ilhas, o estudo das raízes de Cabo Verde. Precisávamos de certezas sistemáticas que só nos podiam vir, como auxílio metodológico e como investigação, de outras latitudes. Ora aconteceu que por aquelas alturas nos caíram nas mãos, fraternalmente juntas, em sistema de empréstimo, alguns livros que consideramos essenciais pro doma nostra. Na ficção o José Lins do Rego, d’O Menino de Engenho e do Banguê, o Jorge Amado do Jubiabá e Mar Morto, o Amândio Fonte d’Os Curumbas; o Marques Rebelo d’O Caso da Mentira, que conhecemos por Ribeiro Couto. Em poesia foi um “alumbramento” a Evocação do Recife, de Manuel Bandeira, que, salvo um ou outro pormenor, eu vislumbrava com as suas figuras dramáticas, na minha vila da ribeira brava (LOPES, apud FERREIRA, 1985, p. 259).

Os “*claridosos*”¹ buscam na Literatura Brasileira uma identidade vivencial nas suas adversidades climatéricas, encontrando os grandes períodos de seca que destruíam continuamente vidas e plantações, estando submetidos ainda ao peso da influência colonial portuguesa. O Nordeste brasileiro consegue oferecer a esses escritores um modelo cultural que se distanciava de tudo que foi imposto pelos colonizadores e permite encontrar nexos de uma identidade comum. Desde o surgimento de “Claridade” fica evidente essa procura identitária, e através dos textos e poemas publicados na revista são mostrados os problemas enfrentados pelo povo cabo-verdiano – dentre eles estão: a seca, a fome, a insularidade, a miscigenação e a emigração –, além de proporcionar ao *crioulo*² – o prestígio fidedigno da cultura de Cabo Verde. Já em relação à produção literária brasileira, os romances nordestinos da década de 30 ansiavam por representar realidades sociais que os escritores cabo-verdianos identificaram como muito próximas das suas, e em diversos números de “Claridade” é perceptível essa influência ideológica e literária.

¹Nome dado em razão dos que participaram da revista literária mais evocada quando se pensa na identidade cabo-verdiana: a “Claridade: Revista de Artes e Letras”.

²O crioulo, em termos de língua, é o resultado da união de diferentes povos trazidos às ilhas pelo mar, e surge a partir da necessidade de comunicação desses povos que participaram do processo de povoamento do Arquipélago de Cabo Verde.

Antes da publicação da “Revista Claridade”, o cenário literário cabo-verdiano já estava repleto de figuras que moldaram a identidade cultural do arquipélago. A geração “pré-claridosa”, composta por Eugénio Tavares da Ilha Brava, Pedro Cardoso da Ilha do Fogo, e José Lopes da Ilha de São Nicolau, desempenhou um papel crucial na valorização do homem ilhéu e na promoção da língua crioula cabo-verdiana. Este movimento, posteriormente designado como geração romântico-clássica, delineou os alicerces para a emergência de uma literatura cabo-verdiana distinta. Eugénio Tavares, com suas poesias marcadas por uma sensibilidade profunda e uma consciência social aguçada, contribuiu para a afirmação da identidade cabo-verdiana. Pedro Cardoso, conhecido por sua poesia lírica, explorou as tradições locais e os desafios enfrentados pelas comunidades insulares. José Lopes, por sua vez, destacou-se pela abordagem moderna e crítica em seus escritos, oferecendo uma perspectiva única sobre a vida nas ilhas.

No segundo número da revista ocorre o afastamento do cânone literário do colonizador e realiza-se a substituição pelo modelo brasileiro. É através das novas obras literárias que os *claridosos* representam a realidade econômica, social e cultural de Cabo Verde nas décadas 30 e 40. Por possuírem realidades sociais semelhantes retratadas na literatura brasileira nordestina, encontravam maior apreço por autores como Jorge Amado, José Lins do Rego e Graciliano Ramos, dentre outros, já que suas obras estavam mais voltadas a temáticas como: a seca, a pobreza, a exclusão social, que eram impostos através de um regime autoritário e de concentração de renda de alguns sobre a maioria, e a ânsia de renovação literária. Conforme Rita Chaves,

A certeza de que era preciso romper com os valores da metrópole levava à certeza de que era preciso buscar outras referências. A cultura brasileira apresentava-se, então, como uma rica hipótese de interlocução. Evidentemente, não se pode acreditar que o nosso repertório cultural alterou o panorama das ex-colônias portuguesas, porém, cabe reconhecer que com base nesse fluxo seriam dinamizadas as discussões que possibilitariam uma mudança, inclusive, nas relações internas (CHAVES, 2013, p.224).

Jorge Amado exercia grande impacto sobre os escritores africanos de língua portuguesa, seus livros possuíam um teor político, levando esperança para esses escritores. Ele não foi a única influência, mas foi marcante para muitos jovens escritores que buscavam uma revolução e libertação do sistema colonial (CABAÇO, 2013, p.238). Jorge Amado dialoga em suas obras com os mais pobres e marginalizados, fornecendo para esses indivíduos os instrumentos para se afirmarem como capazes de se confrontarem com as contradições raciais e os conflitos sociais de uma sociedade injusta e desigual. No trecho do poema intitulado “Poema a Jorge Amado”, da moçambicana Noémia de Sousa, podemos ver a importância e prestígio de Jorge Amado para os africanos:

*Jorge Amado, vem !
Aqui, nesta povoação africana
o povo é o mesmo também
é irmão do povo marinho da Baía,
companheiro de Jorge Amado,
amigo do povo, da justiça, da liberdade !
Não tenhas receio, vem !
(SOUSA, 2016, p. 125-126).*

Os fundadores da revista "Claridade" fixaram firmemente suas raízes no solo cabo-verdiano, conforme evidenciado pelo seu célebre conteúdo temático, delineando assim um plano de ação que, necessariamente, deveria ser conduzido com extrema discricção. Este contexto foi moldado pela presença opressiva do regime de censura colonial, mantido sob a vigilância incessante e temerosa da PIDE (Polícia Internacional e de Defesa do Estado). A PIDE, conhecida por seus métodos de tortura, impôs uma sombra constante sobre o ambiente cultural e intelectual, sendo a sua presença particularmente sinistra atrás das grades do presídio político do Campo do Tarrafal, na Ilha de Santiago. A fase pós-claridosa, abrangendo o final da década de 1950, com o surgimento do Partido Africano da Independência da Guiné e de Cabo Verde (PAIGC), aliado à crise do regime Salazarista, mostra como o movimento claridoso não estava limitado apenas no modo artístico do ilhéu, mas também no político.

Brasil e Cabo Verde começam, a partir da década de 30, a produzir uma literatura que está voltada para a sua terra, onde ambos trazem nos seus romances a realidade local e descrevem os problemas e as dificuldades vivenciadas pelos menos favorecidos, numa tentativa de mostrar aos seus leitores o apagamento que essas pessoas sofrem. No Ocidente as ideias socialistas e o comunismo estavam em voga, levando os escritores a se engajarem literariamente através dos temas desenvolvidos, por isso "Vidas Secas", de Graciliano Ramos, e "Os Flagelados do Vento Leste", de Manuel Lopes, possuem aspectos de denúncia e protesto silenciosos diante das suas realidades.

3 A LITERATURA CABO-VERDIANA E A INSULARIDADE

Cabo Verde é um arquipélago insular no Oceano Atlântico central, e consiste em dez ilhas vulcânicas que fazem parte da ecorregião da Macaronésia³, juntamente com os Açores, as Ilhas Canárias, a Madeira e as Ilhas Selvagens. O arquipélago ficou desabitado até o século XV, quando exploradores portugueses descobriram e colonizaram as ilhas. A localidade das mesmas fez com que os portugueses conseguissem desempenhar um papel no comércio de escravizados do Atlântico, tornando-se economicamente prósperos durante os séculos XVI e XVII, atraindo mercadores, corsários e piratas. Porém, ocorre um declínio econômico no século XIX devido à diminuição do comércio de escravizados no Atlântico, fazendo com que muitos de seus habitantes emigrassem durante esse período, mas Cabo Verde conseguiu se recuperar economicamente tornando-se um importante centro comercial, e um ponto de escala útil ao longo das principais rotas de navegação. Em 1951, Cabo Verde foi incorporado como departamento ultramarino de Portugal, mas os seus habitantes continuaram a fazer campanha pela independência, que alcançaram somente em 1975 sem confrontos diretos com os portugueses. A posição do arquipélago mostrou-se importante durante muito tempo, pois foi rota de transporte aéreo para as conexões e abastecimento de aeronaves que faziam voos entre a Europa e a América do Sul (PITA, 2017, p. 69).

A literatura cabo-verdiana teve seu primeiro registro literário no século XVI com as obras de autoria de André Álvares de Almada, e até 1890 a literatura de Cabo Verde raramente era impressa. Somente com os “poemas de mornas”⁴ de Eugénio Tavares, escritos em crioulo na Ilha Brava, esse cenário começou a tomar outros contornos. Muitos estudos abordam a literatura cabo-verdiana a partir do nativismo⁵, que ocorreu entre o fim do século XIX e o começo do século XX. Com base nas influências do Brasil, o nativismo desempenha um papel fundamental na luta de resistência dos cabo-verdianos contra a opressão colonial portuguesa desde o início do século XIX. O nativismo dá início ao debate acerca da identidade e da Nação de Cabo Verde, é através dele que surge uma geração de intelectuais cabo-verdianos denominados de nativistas, que defendiam o nativo do arquipélago e a sua autonomia. O nativismo “no essencial, se baseava no amor à terra crioula, no orgulho de ser cabo-verdiano, o que, para o pensamento político da época, não contradizia o facto de ser português também” (PITA *apud* PEREIRA, 1986, p. 43).

³Região biogeográfica que compreende quatro arquipélagos: o dos Açores, o da Madeira, o das Canárias e o de Cabo Verde. Todas as ilhas são vulcânicas e mantêm entre si afinidades biológicas, geológicas e humanas.

⁴A morna é um gênero musical, poético e textual que representa um dos importantes traços da identidade cabo-verdiana, e era cantada em crioulo.

⁵O termo **nativismo** é entendido como movimento de valorização da cultura nativa, em reação à imposição da cultura colonizadora.

Uma das referências brasileiras em estudos sobre Cabo Verde, a professora e pesquisadora Simone Caputo Gomes, que em seu artigo denominado “Cabo Verde e as pérolas do Atlântico: literatura como meio de resgate e preservação do patrimônio cultural” considera a presença, entre os claridosos, da literatura modernista brasileira, quando ressalta serem os fundadores do movimento e revista:

[...] leitores dos nossos modernistas e encantados pela independência política e cultural brasileira, os claridosos fundadores (Manuel Lopes, Baltasar Lopes - Osvaldo Alcântara e Jorge Barbosa) tomam para si o mote da Semana de Arte Moderna de vinte e dois: representar a “arlequinal” raça brasileira (no caso, representar o mundo que o mulato cabo-verdiano criou, como ressalta Gabriel Mariano), dar visibilidade às identidades que compõem o mosaico cultural, representar a fala do povo no discurso literário culto, democratizar a literatura e as artes. A construção de uma “identidade nacional” em Cabo Verde afirmava-se assim, nos anos trinta, à luz do espelho brasileiro, numa relação de afastamento e diferenciação do cânone português (GOMES, 2011, p 1902).

A questão da insularidade revela-se como uma das vertentes temáticas mais presentes no percurso cultural identitário do povo e da literatura cabo-verdiana e ocorre como fator afirmativo na música, na literatura e na pintura. Isto se dá através do isolamento imposto pelo mar que separa as ilhas do arquipélago do resto do mundo, trazendo um sentimento de solidão. O termo insularidade remete ao conceito mais básico de ilha, aquilo que não possui ligação com o continente por estar rodeado pelo oceano. Manuel Veiga destaca que durante o longo desenrolar de sua história os cabo-verdianos tiveram por companheira inseparável uma insularidade “madrasta”, que se manifesta através de fatores geográficos, climáticos, antropológicos, sociais, econômicos e políticos (VEIGA, 1998, p. 9).

Os cabo-verdianos demonstram através de sua arte um sentimento de angústia e de ansiedade que os leva a sonhar com outros horizontes que transpassam o mar, pois este está em tudo, como mostra Jorge Barbosa em seu “Poema do Mar”, publicado em 1941, no livro de poesia intitulado “Ambiente”:

*O Mar! Dentro de nós todos,
No canto da Morna,
No corpo das raparigas morenas,
Nas coxas ágeis das pretas,
No desejo da viagem que fica em sonhos de
Muita gente!
Este convite de toda a hora
Que o Mar nos faz para a evasão!
Este desespero de querer partir
E ter que ficar!*
(BARBOSA, 1941, p. 30).

Os estudos sobre a insularidade são relacionados à história, economia, literatura e cultura, sendo aplicados em diferentes contextos e territórios, e em um primeiro momento a insularidade é vista em Cabo Verde como uma questão de geograficidade física das ilhas, assim como as limitações que as atingem. Ela causa em seus artistas emoções contraditórias porque está associada à ideia de vulnerabilidade, fraqueza e dependência. Apesar de causar esses sentimentos de isolamento e fragilidade, também consegue fazer com que sejam desenvolvidas, através da arte, situações e oportunidades que se forem devidamente aproveitadas podem servir de eixos para promover o aumento econômico, social e cultural dessas nações insulares. Como diz a estudiosa da produção literária cabo-verdiana, autora de “Mar horizonte: literaturas insulares lusófonas”, Jane Tutikian,

A insularidade é mais, muito mais do que espaço, é modo de ser, de pensar, de sentir, de expressar. Há entre o ilhéu e a ilha uma simbiose perfeita, aquela que o escraviza e liberta, que planta, sobre o desespero - da geografia à guerra colonial - e a desconfiança, outras formas de espera jogadas sobre um mar horizonte. São marcas tão profundas que fazem da terra vida e, da vida, texto. (TUTIKIAN e BRASIL, 2007, p. 7).

3.1 Manuel Lopes

No livro “Sonha Mamana África” (1987, p. 442) de Cremilda de Araújo Medina, Manuel Lopes faz o seu autorretrato, onde encontramos dados sobre os seus trabalhos. Nasceu em São Vicente em 23 de dezembro de 1907 e faleceu em 25 de janeiro de 2005. Seus primeiros textos literários foram publicados em 1927, no “Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro”. Entre 1931 e 1933 colaborou nos jornais “Notícias de Cabo Verde” e “Ressurgimento”, e em 1932 integrou o grupo de intelectuais que fundou a revista “Clairidade”, que teve seu primeiro número em 1936. Viveu nos Açores na década de 40 e foi lá que publicou o seu primeiro livro de poemas intitulado “Poemas de Quem Ficou” (1949); também era pintor, e através das pinturas revivia as paisagens desafiadoras de Cabo Verde, e conseguiu fazer nessa época várias exposições desses trabalhos. Quando se fixou em Portugal na década de 50, lançou suas obras de ficção, dentre elas estavam: “Chuva Braba” (1956), romance que ganhou o Prêmio Fernão Mendes Pinto; “Galo Cantou na Baía” (1959), um livro de contos que ganhou o Prêmio Fernão Mendes Pinto; “Os Flagelados do Vento Leste” (1960), romance que ganhou o Prêmio Meio Milénio do Achamento das Ilhas de Cabo Verde”.

Manuel Lopes falava e cultivava o crioulo, mas sempre escrevia em português; para ele o crioulo era a língua de casa, a língua inventiva da síntese e da graça. Dizia que era mais fácil ler em português, reconhecia o poder poético do crioulo de São Vicente, mas queria escrever livros que fossem lidos pelo maior número possível de pessoas, conforme aponta Cremilda de Araújo Medina. (MEDINA, 1987, p. 442).

3.2 Apresentação geral de “Os Flagelados do Vento Leste” de Manuel Lopes

Em “Os Flagelados do Vento Leste”, o autor descreve um período por volta de 1940 em que uma realidade dura e cruel submetia a população do arquipélago, que vivia refém das intempéries naturais, a chuva e a seca. O romance gira em torno da relação do homem com a natureza, tendo como foco a família do lavrador José da Cruz sendo vítima dessa seca impiedosa, e de como o ambiente molda o comportamento e a cultura da população, levando o leitor a refletir sobre os dramas que assolam todos os personagens: a fome e a migração. Ao plantar e esperar pela chuva, os personagens do romance reforçam a ideia presente em todo o livro de que o povo cabo-verdiano é em sua maioria conformado com seu destino, considerando as adversidades da vida como algo natural. Mas ainda assim Manuel Lopes retrata, por meio de personagens como Leandro e Saltapetra, aqueles que escolhem lutar contra o destino, usando por vezes estratégias que vão contra a moral e contra as leis, ainda que esses personagens sejam retratados como indivíduos atípicos, disfuncionais, e sejam colocados à margem da sociedade dentro da própria narrativa, como é o caso desses dois.

O romance acima será devidamente analisado mais à frente, mas antes será apresentada a Literatura Brasileira, especialmente o Romance de 30, que possui um cunho mais regionalista.

4 A LITERATURA BRASILEIRA (O ROMANCE DE 30)

O Romance de 30 pertence à segunda fase do Modernismo brasileiro, também conhecido como Romance Regionalista, Neo-Realismo e/ou Realismo Social. Essa nomenclatura foi usada como referência a um conjunto de obras publicadas a partir de 1928 (ano da primeira edição de “A Bagaceira”, de José Américo de Almeida). O Modernismo, desencadeado pela explosiva “Semana de Arte Moderna”⁶ em 1922, consolidou-se como a expressão da consciência de um Brasil em decadência. O movimento, embora permeado por diferentes graus de adesão, foi um reflexo da inquietação de uma sociedade em transformação. O neo-realismo, impulsionado principalmente por membros de uma elite em crise que buscavam explorar o mundo moderno por meio de seus personagens, revelou-se multifacetado. Suas tendências variaram em relação à interação entre narrador e personagens, à linguagem e ao comprometimento da literatura com a situação do país. Apesar da desarticulação, a literatura das décadas subsequentes à Semana de Arte Moderna lançou-se no amadurecimento da arte do pensamento, confrontando as contradições de um mundo complexo e fragmentado. Os ecos da agitação artística juvenil da década de 20 redimensionaram a literatura brasileira, deixando uma marca inapagável.

Entre alguns autores que fazem parte desse grupo temos: Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Rachel de Queiroz, Jorge Amado, e outros que produziram obras que possuem a vida agrária como tema de seus romances. Os autores desse período foram classificados como romancistas de 30 ou neo-regionalistas. Uma das características do Romance de 30 era a verossimilhança com a realidade, onde os personagens se comunicam através de expressões que remetem ao meio rural, principalmente. Através dessas narrativas os autores fazem uma denúncia social, como: a diferença de classe, lutas pelo poder, pela posse de terras, injustiças sociais, miséria, entre outras mazelas.

Segundo Bosi, o Romance de 30 é “o momento talvez mais fecundo da narrativa brasileira” e afirma que “a caixa de surpresas que é o Romance de 30 ainda está longe de ter sido cabalmente explorada” (BOSI, 2015, p. 16). Na segunda fase do modernismo, na qual se destaca o Romance de 30, existe uma consciência em relação ao subdesenvolvimento do país, onde as obras apontam para as divergências não solucionáveis pelo modelo burguês, mostrando que o Romance de 30 não é apenas um romance social, mas também político e, até, psicológico.

⁶ A Semana de Arte Moderna de 1922 foi um evento que oficializou o modernismo no Brasil. Artistas de diversas áreas reuniram suas obras entre 11 e 18 de fevereiro de 1922, em São Paulo, para amostragem do que havia de mais novo no universo da arte.

Os romances de Graciliano Ramos foram produzidos no apogeu do romance social no Brasil, e comentados por vários intelectuais em diversas fontes como jornais, revistas, suplementos, etc.

4.1 Graciliano Ramos

Graciliano Ramos de Oliveira nasceu em 27 de outubro de 1892, na cidade de Quebrangulo no Alagoas. Aos sete anos, vivendo em Viçosa (MG), Graciliano passa a estudar no Internato Alagoano, e quando ainda está nesse colégio tem sua primeira obra publicada: o conto “Pequeno Pedinte” (1904), veiculado num pequeno jornalzinho que ele criou dedicado às crianças, denominado “O Dilúculo”, onde assinava o conto com o pseudônimo de G. Ramos. Em 1909, passa a colaborar com o “Jornal de Alagoas”, de Maceió, publicando o soneto “Céptico” sob o pseudônimo de Almeida Cunha; e até 1913 - ainda nesse jornal - usa outros pseudônimos: S. de Almeida Cunha, Soares de Almeida Cunha e Lambda, este usado em trabalhos de prosa. Até 1915 colabora com “O Malho”⁷, usando alguns dos pseudônimos citados e o de Soeiro Lobato.

No ano de 1914, Ramos muda-se para o Rio de Janeiro (RJ), e nesse ano e no ano seguinte trabalha como revisor de provas tipográficas nos jornais cariocas “Correio da Manhã”, “A Tarde” e “O Século”. Colabora com o “Jornal de Alagoas” e com o fluminense “Paraíba do Sul”, sob as iniciais R.O. (Ramos de Oliveira). Em 1927, é eleito prefeito da cidade de Palmeira dos Índios – cargo no qual é empossado em 1928 –, e volta a ser prefeito no ano de 1930. Teve seu primeiro livro publicado em 1933, intitulado “Caetés”, e no ano seguinte publica “São Bernardo”. Em março de 1936, foi acusado – embora não tenha sido uma acusação formalizada – de ter conspirado no levante comunista de 1935, é preso em Maceió e enviado a Recife, onde é embarcado num navio com mais de 115 presos, com destino ao Rio de Janeiro. Após sua prisão, Graciliano se estabeleceu pelo Rio de Janeiro, dessa prisão surgiu o livro “Memórias do cárcere” (1953), obra que foi escrita durante o tempo em que esteve preso mas que só foi publicado postumamente.

Quando Ramos saiu da prisão, em 1937, foi nomeado inspetor geral de ensino secundário do Rio de Janeiro, por indicação do poeta e amigo Carlos Drummond de Andrade, que era chefe de gabinete do ministro da Educação do governo Vargas.

4.2 Apresentação geral de “Vidas Secas” de Graciliano Ramos

⁷O Malho foi uma revista ilustrada, que tinha como principal característica a sátira política e o humor. Surgiu no Rio de Janeiro no ano de 1902, e circulou por mais de cinquenta anos, com uma breve pausa no ano de 1930, devido à Revolução de 1930.

O romance “Vidas Secas” narra a história de uma família de retirantes composta pelas personagens Fabiano, Sinhá Vitória, o filho mais velho, o menino mais novo e a cachorra Baleia, que estão em busca da sobrevivência em um ambiente dominado pela seca. A obra faz parte do Romance de 30, a segunda fase do Modernismo, que segundo Bosi (2017) apresentava, em primeiro plano, “a ficção regionalista, o ensaísmo social e o aprofundamento da lírica moderna no seu ritmo oscilante entre o fechamento e a abertura do *eu* em concordância com a sociedade e a natureza”. (BOSI, 2006, p.401). A obra é uma herança realista do século XIX, onde Graciliano nos dá uma visão crítica da sociedade, onde o nosso “herói”, isto é, a família tenta resistir à opressão da natureza em que está inserida, sendo assim um *romance de tensão crítica*:

Nos romances em que a tensão atingiu ao nível da crítica, os fatos assumem significação menos “ingênua” e servem para revelar as graves lesões que a vida em sociedade produz no tecido da pessoa humana: logram por isso alcançar uma densidade moral e uma verdade histórica muito mais profunda. Há menor proliferação de tipos secundários e pitorescos: as figuras são tratadas em seu nexos dinâmico com a paisagem e a realidade socioeconômica (Vidas Secas, São Bernardo, de Graciliano Ramos), e é dessa relação que nasce o enredo. Passa-se do “tipo” à expressão; e, embora sem intimismo, talha-se o caráter do protagonista. (BOSI, 2017, p. 409)

Graciliano aborda os comportamentos de Fabiano e sua família em um meio severo e opressivo, e a forma com que eles reagem diante de situações de seca e injustiça social. Os protagonistas não possuem muitas habilidades que os ajudem a se expressar verbalmente com as pessoas, e o ambiente opressivo em que vivem contribui para que exista esse silenciamento das personagens. “Vidas Secas” aborda o sofrimento que a seca causa aos menos favorecidos que precisam se deslocar a todo momento buscando sobreviver.

A linguagem no romance é feita a partir do silêncio dos personagens, fazendo com que o leitor perceba como aquele ambiente hostil e árido transforma as pessoas. Fabiano não conversa muito com sua família e nem com outras pessoas, e quando tenta acaba não tendo muito sucesso, já que sua comunicação não é muito boa e ocorre mais através de gestos. Através do narrador conseguimos ter conhecimento dos sentimentos e dos pensamentos das personagens, suprimindo a falta de diálogo.

5 ANÁLISE DAS OBRAS SOB A PERSPECTIVA COMPARATISTA

5.1 Sobre os pressupostos comparatistas

O surgimento da Literatura Comparada está vinculado à corrente de pensamento cosmopolita que caracterizou o século XIX, época em que comparar estruturas ou fenômenos análogos, com a finalidade de extrair leis gerais, foi dominante nas ciências naturais (COUTINHO e CARVALHAL, 1994, p. 9). O estudo comparado foi utilizado em um primeiro momento nos títulos de obras científicas, na França, tendo as atuações de Noel e Laplace (1816), de Abel François Villemain (1828), de J. J. Ampère (1830) e Philarète Chasles (1835). Mas é com a obra “Da Alemanha” (1800), de Mme. de Stäel, que esse estudo norteará as investigações literárias.

Nos manuais franceses encontramos a obra clássica “La littérature comparée” (1931), de Paul Van Tieghem, onde o autor distingue literatura comparada de literatura geral, considerando a primeira mais analítica e responsável por estudos binários. A literatura geral corresponderia a uma visão mais sintética, podendo abarcar o estudo de várias literaturas. No Brasil encontramos Tasso da Silveira com o livro “Literatura Comparada” (1964), baseando-se nos estudos de Tieghem, onde Tasso da Silveira segue e aceita essas ideias sem contestar.

As obras “Vidas Secas”, de Graciliano Ramos, e “Os Flagelados do Vento Leste”, de Manuel Lopes, são analisadas pela perspectiva comparatista, lembrando como a Literatura Brasileira foi influente sobre os autores cabo-verdianos, e as semelhanças e diferenças entre o modo de condução do enfrentamento da seca e da fome em cada romance, por meio de seus personagens. Segundo Sandra Nitrini, a imitação é um contato localizado e circunscrito, enquanto a influência é uma aquisição fundamental que modifica a própria personalidade artística do escritor (NITRINI, 1997, p.127), ou seja, a influência vem a ser a soma de relações de contato de qualquer espécie estabelecida entre um emissor e um receptor. Cabo Verde, como outros países africanos de Língua Portuguesa, foi influenciado pela produção literária de autores brasileiros por meio do contato com Jorge Amado, principalmente, através do Romance de 30, que dava voz àqueles que eram esquecidos pela sociedade burguesa. É o que se nota, por exemplo, numa entrevista feita por Rita Chaves ao escritor moçambicano José Craveirinha realizada em 1998:

Eu devia ter nascido no Brasil. Porque o Brasil teve uma influência muito grande na população suburbana daqui (...) desde o futebol. Eu joguei a bola com jogadores brasileiros, como, por exemplo, o Fausto, o Leônidas da Silva, inventor da bicicleta. [...] Nós, na escola, éramos obrigados a passar por um João de Deus, um Dinis, os clássicos de lá. Mas chegados a uma certa altura, nós nos libertávamos. Enveredávamos por uma

literatura errada: Graciliano Ramos. Então vinha a nossa escolha; pendíamos desde o Alencar. Toda a nossa literatura passou a ser um reflexo da Literatura Brasileira. Então, quando chegou o Jorge Amado, estávamos em casa. Jorge Amado marcou-nos muito por causa daquela maneira de expor as histórias. E muitas situações existiam aqui. Ele tinha aqui um público (CHAVES, 1999, p. 157).

Nitrini, seguindo a concepção de influência presente no pensamento de Paul Valéry, mostra que para esse autor ela se dá por meio de quatro categorias: a influência recebida, que consiste no contato misterioso de dois espíritos ou na dívida de um autor para com outro, isto é, a influência propriamente dita, que ocupa o centro dos estudos comparatistas e que ele chamou de “modificação progressiva de um espírito pela obra de um outro”; a influência exercida sobre a posteridade, que determina, em grande parte, o valor da própria obra emissora; a influência que o autor exerce sobre si mesmo; e, finalmente, a influência por reação, ou seja, a recusa da influência (NITRINI, 1997, p. 133).

Feitas essas distinções iniciais, chegamos ao conceito de intertextualidade, que seria um modo de leitura que desfaz a unicidade do texto, reconhecendo nele mesmo outros tantos textos. Cada referência textual é o lugar que oferece uma alternativa a ser pesquisada, ampliando o espaço semântico do texto. De acordo com Nitrini, a intertextualidade é uma escritura-réplica de um outro (outros textos), onde o texto literário se insere no grande conjunto dos textos. Nitrini estuda o conceito de intertextualidade baseando-se em alguns autores, entre eles está Julia Kristeva, que deu origem ao termo e que entendia que “qualquer texto se constrói como um mosaico de citações e é absorção e transformação dum outro texto”, sendo que a noção de texto é seriamente alargada pela autora. É sinônimo de “sistema de signos”, quer se trate de obras literárias, de linguagens orais, de sistemas simbólicos sociais e inconscientes. Julia Kristeva reivindica esse alargamento e o opõe antecipadamente a qualquer interpretação redutora:

O termo “intertextualidade” designa essa transposição um (ou vários) sistema(s) de signos noutra, mas como este termo foi frequentemente tomado na acepção banal de “crítica das fontes” dum texto, nós preferimos-lhe um outro: transposição, que tem a vantagem de precisar que a passagem dum a outro sistema significativo exige uma nova articulação da posicionalidade enunciativa e denotativa (NITRINI, apud KRISTEVA, 1974, p. 60)

5.2 A personagem de ficção nos Estudos Literários

A ficção mostra ao leitor seres humanos que se encontram integrados num denso tecido de valores morais, religiosos e político-sociais, e tomam determinadas atitudes a partir destes. Muitas vezes as personagens da ficção passam por terríveis conflitos e enfrentam situações-limite quando

precisam ir contra esses valores para sobreviver. Quando o próprio cotidiano se torna um tema da ficção ele adquire outra relevância, faz com que o leitor contemple e ao mesmo tempo viva as possibilidades humanas que sua vida pessoal dificilmente permitiria, e caso vivesse esses momentos extremos, não poderia contemplá-los por estar intensamente envolvido. Através da ficção podemos contemplar os valores estéticos que se referem a realidades sem realmente se referir a seres reais.

Quando se trata do romance vemos uma série de fatos organizados em enredo, e em personagens que vivem estes fatos. O romance se desenvolve através do enredo e da personagem, que juntos representam as “idéias” – a personagem vive o enredo e as idéias, e os torna vivos. Podemos dizer, portanto, que o romance se baseia num certo tipo de relação entre o ser vivo e o ser fictício, manifestada através da personagem, que é a concretização deste.

Não espanta, portanto, que a personagem pareça o que há de mais vivo no romance; e que a leitura dêste dependa basicamente da aceitação da verdade da personagem por parte do leitor. Tanto assim, que nós perdoamos os mais graves defeitos de enredo e de idéia aos grandes criadores de personagens (CANDIDO, 2007, p. 51-52).

Segundo Candido, a personagem é um ser fictício, — expressão que soa como paradoxo. O romance se baseia, antes de mais nada, num certo tipo de relação entre o ser vivo e o ser fictício, manifestada através da personagem, que é a concretização deste. Existem afinidades e diferenças essenciais entre o ser vivo e os entes de ficção, e através dela é criado o sentimento de verdade, que é a verossimilhança. De acordo com suas palavras,

Quando abordamos o conhecimento direto das pessoas, um dos dados fundamentais do problema é o contraste entre a continuidade relativa da percepção física (em que fundamos o nosso conhecimento) e a descontinuidade da percepção, digamos, espiritual, que parece frequentemente romper a unidade antes apreendida (CANDIDO, 2007, p. 41).

6 ANÁLISE DAS OBRAS

Inicialmente, são analisadas as duas personagens adultas do núcleo familiar de cada romance, começando por Fabiano e sinha Vitória de “Vidas Secas”, de Graciliano Ramos; e logo após José da Cruz e Zepa de “Os Flagelados do Vento Leste”, de Manuel Lopes. Quando se fala de personagens, diz Candido:

pensamos simultaneamente na vida que vivem, nos problemas em que se enredam, na linha do seu destino — traçada conforme uma certa duração temporal, referida a determinadas condições de ambiente. O enredo existe através das personagens; as personagens vivem no enredo. Enredo e personagem exprimem, ligados, os intuítos do romance, a visão da vida que decorre dele, os significados e valores que o animam. (CANDIDO, 2007, p. 51).

Fabiano, personagem do romance “Vidas Secas”, de Graciliano Ramos, é um homem que busca a sobrevivência em um ambiente dominado pela seca, onde, além de lutar pela sobrevivência, é submetido a diversas situações de desrespeito e desigualdade social, por parte das autoridades locais. A obra aborda o comportamento de Fabiano em um meio severo e opressivo, além de apresentar alguns aspectos psicológicos dos personagens e suas reações diante de situações extremas. O protagonista é esmagado pela sociedade e pela natureza, e por não possuir muitas habilidades para se expressar verbalmente com as pessoas acaba se frustrando. O ambiente opressivo em que vive contribui para seu silenciamento e aumenta seus conflitos internos. Fabiano não era visto como exemplo para ninguém além dos dois filhos. Era um homem que admirava as palavras difíceis e compridas da gente da cidade, e em algumas vezes tentava reproduzir algumas, mas sabia que elas eram inúteis e muitas vezes poderiam ser perigosas se ele não soubesse como as usar. Percebia que a sabedoria inspirava respeito quando via seu Tomás da Bolandeira, mas acreditava que essa sabedoria não o ajudaria com os problemas trazidos pela seca.

Vivia longe dos homens, só se dava bem com animais. Os seus pés duros quebravam espinhos e não sentiam a queimadura da terra. Montado, confundia-se com o cavalo, grudava-se a ele. E falava uma linguagem cantada, monossilábica e gutural, que o companheiro entendia. A pé, não se agüentava bem. Pendia para um lado, para o outro lado, cambaio, torto e feio. As vezes utilizava nas relações com as pessoas a mesma língua com quase dirigia aos brutos - exclamações, onomatopéias. Na verdade falava pouco. Admirava as palavras compridas e difíceis da gente da cidade, tentava reproduzir algumas, em vão, mas sabia que elas eram inúteis e talvez perigosas (RAMOS, 2012, p. 14).

Sinha Vitória é a matriarca da família, a mãe sonhadora que, apesar do sofrimento, tem o poder de auxiliar o marido nas decisões da família e de, minimamente, atender os filhos em meio a tanto penar. Mesmo que Fabiano seja o provedor da família, Sinha Vitória é a detentora do poder

decisório dentro do núcleo familiar, pois o conhecimento que faltava em Fabiano para certas questões encontrava-se em Vitória. E apesar de viver com sua família à margem da sociedade, consegue reconhecer minimamente as relações de dominação existentes. Fabiano reconhece que ela tinha ideias, como quando precisou ir acertar as contas com o patrão e consultou Vitória, que se sentou na cozinha, distribuiu no chão sementes de várias espécies, realizou somas e diminuições, até que chegou ao valor total do que cabia a eles receberem pelos trabalhos prestados. Porém as contas do patrão não batiam com as de sinhá Vitória, e Fabiano

não se conformou: devia haver engano. Ele era bruto, sim senhor, via-se perfeitamente que era bruto, mas a mulher tinha miolo. Com certeza havia um erro no papel do branco. Não se descobriu o erro, e Fabiano perdeu os estribos. Passar a vida inteira assim no toco, entregando o que era dele de mão beijada! (RAMOS, 2012, p. 72).

Por isso ele depositava confiança nela, precisava dela para manter-se firme e vivo e ter a certeza de que tomava as decisões certas. A capacidade de sonhar e fazer planos de Sinha Vitória contribuía para que a família enxergasse uma nova perspectiva para a vida deles, era o que os mantinha mais humanos. Desejava possuir uma cama de lastro de couro, igual à de seu Tomás da bolandeira. Em outros momentos do romance, sinhá Vitória voltava a pensar na cama igual a de seu Tomás, fazia mais de um ano que demonstrava esse desejo pela mesma. Fabiano a princípio concordava com ela, dizendo que se eles economizassem na roupa ou no querosene seria possível comprar a cama, mas Vitória o trazia de volta para a realidade mostrando que o corte desses gastos não seria a solução para comprar a cama, pois já não se vestiam muito bem. O sonho de obter a cama era tão intenso que em algumas vezes Vitória se via fazendo brincadeiras bobas com o intuito de que se conseguisse fazer algo a cama seria sua, como um presente por ter feito aquilo.

Jogou longe uma cusparada, que passou por cima da janela e foi cair no terreiro. Preparou-se para cuspir novamente. Por uma extravagante associação, relacionou esse ato com a lembrança da cama. Se o cuspo alcançasse o terreiro, a cama seria comprada antes do fim do ano. Encheu a boca de saliva, inclinou-se - e não conseguiu o que esperava. Fez várias tentativas, inutilmente. O resultado foi secar a garganta. Ergueu-se desapontada. Besteira, aquilo não valia (RAMOS, 2012, p. 31).

Quando a chuva chega para eles no inverno, ela aparece trazendo esperança para a família de retirantes, apesar de ter um vento frio entrando pelas brechas nas paredes da casa e algumas goteiras no teto, ainda era uma chuva que trazia possibilidades de um futuro naquela casa sem as preocupações de precisarem procurar um novo lar e fugir da seca. Mesmo com a água do depósito deles chegando ao fim, Fabiano não se preocupava com isso, pois acreditava que a inundação causada pelas chuvas seria o suficiente para os livrar da seca, não havia o perigo imediato causado

pela mesma e que aterrorizou a família durante meses, essa chuva só o fazia sonhar com um futuro mais próspero.

As vacas vinham abrigar-se junto à parede da casa, pegada ao curral, a chuva fustigava-as, os chocalhos batiam. Iriam engordar com o pasto novo, dar crias. O pasto cresceria no campo, as árvores se enfeitariam, o gado se multiplicaria. Engordariam todos, ele Fabiano, a mulher, os dois filhos e a cachorra Baleia. Talvez Sinhá Vitória adquirisse uma cama de lastro de couro. Realmente o jirau de varas onde se espichavam era incômodo (RAMOS, 2012, p. 51).

Depois da chuva que chegou para trazer esperança à família, a seca voltou e dificultou a vida deles na fazenda, aos poucos os animais morriam e não poderiam continuar vivendo lá com tudo findando, além de não poderem custear uma dívida exorbitante criada pelos juros que foram impostos pelo patrão de Fabiano. Todos esses fatores fizeram com que eles, ao final do romance, no capítulo intitulado “Fuga”, continuassem se deslocando em busca de um novo lar, fazendo com que não criassem uma relação de amor/apego em relação à terra em nenhum momento, pois aprenderam a não estabelecer raízes por conta dessa seca que é cíclica. E mesmo em situações como essa Vitória voltava a sonhar com os dias melhores que poderiam estar esperando por eles nessa nova jornada, isso reanimava Fabiano.

As palavras de Sinhá Vitória encantavam-no. Iriam para diante, alcançariam uma terra desconhecida. Fabiano estava contente e acreditava nessa terra, porque não sabia como ela era nem onde era. Repetia docilmente as palavras de Sinhá Vitória, as palavras que Sinhá Vitória murmurava porque tinha confiança nele. E andavam para o sul, metidos naquele sonho. Uma cidade grande, cheia de pessoas fortes. [...] O sertão mandaria para a cidade homens fortes, brutos, como Fabiano, Sinhá Vitória e os dois meninos (RAMOS, 2012, p. 98).

A família de Fabiano vive uma incomunicabilidade, o que não ocorre no núcleo familiar de “Os Flagelados do Vento Leste”. José da Cruz e Zepa sabem ler, seus filhos frequentam a escola, grande parte dos moradores da ilha consegue mandar os filhos para a escola. As personagens não possuem pensamentos como os de Fabiano que se identifica mais com os animais do que com os seres humanos. Em “Os Flagelados do Vento Leste” encontramos José da Cruz, que possui um tipo de amor/apego a suas terras, o que faz com que ele resista às adversidades naturais e sociais que castigam intermitentemente o ilhéu e seu povo. Um homem que dá força aos seus companheiros, liderando-os, e que está sempre disposto a dizer palavras de encorajamento. Mesmo enfrentando a mais cruel realidade, ele resiste para além das possibilidades humanas, na esperança de que, a qualquer momento, os sofrimentos possam ter fim. O romance mostra esse apego à terra e à família, que pode ser interpretado como um dos principais motivos que induzem certos homens a continuarem firmes e dignos nas suas condutas, por se lembrarem de que possuem alguém, além

deles próprios, em quem devem pensar antes de tomarem certas atitudes. Era o proprietário das suas terras, sendo um dos motivos que o fazia permanecer lá, mesmo que fosse em condições miseráveis, porque se abandonasse o seu lar teriam que começar uma vida nova.

José da Cruz era homem de bom pensar e de bom conselho, homem de sacrifício quotidiano; dessa raça de gente direita que sabia diferenciar as coisas, pão-pão, queijo-queijo, e sabia também estudar no tempo e confiar no tempo. "Milho de sementeira é dívida sagrada", dizia. "Homem direito não põe a boca na dívida sagrada, pra não virar nem ladrão de Deus, nem ladrão da família." Como esses tamarindeiros do caminho do Porto Novo que os vendavais não derrubam, assim era ele. Dava coragem aos fracos de espírito, e esperança aos desesperançados. Dava ânimo pelo incentivo do seu exemplo de homem afeito às bordoadas da vida e pela firmeza da sua fé. E não saía do caminho traçado. "Andar no caminho ruim é melhor que andar fora de caminho"... (LOPES, 1989, p. 14).

Era um homem de muitas crenças, acreditava que as desgraças climáticas que caíam sobre o povo existiam para provar que o homem estava lá para consertar tudo, esse era o papel destinado a eles, não existia desgraça que não pudessem remediar. Por ter uma fé muito grande em Deus, acreditava que todos deveriam se resignar a essas provações, pensando que se é assim, é porque Deus queria e eles não deveriam ir contra as escolhas de Deus. Enquanto esperava a chuva cair naquelas terras, chegou a sonhar que um anjo estava trazendo uma mensagem relacionada à mesma, que não era para os companheiros perderem a fé em dias melhores.

Não sou muito acreditado em histórias de sonhos, mas o sonho que tive esta madrugada caiu-me dentro do coração. Eu mesmo esperava uma coisa dessas. Eu tava entre-sono, mas era a mesma coisa como eu estar neste momento com os olhos abertos a ver deveras. Um anjo a descer do céu pra terra, montado numa nuvem, uma nuvem que parecia exatamente um cavalo branco, ou que virou um cavalo, já não sei, um cavalão muito grande e manso. O anjo trazia um balde d'água nas mãos, e quando chegou assim nesta endireitura, virou o balde de boca pra baixo, e a água que saía do balde parecia não acabar nunca. Ó compadre, só visto, um nunca acabar d'água por cima destes campos. Acordei assim no meio de tanta fartura d'água, assarapantado, exatamente como se me estivesse a afogar, e larguei a tarimba com o sentido cheio daquela esmola vinda das mãos de Deus... (LOPES, 1989, p. 16).

Quando as chuvas chegam à ilha no seu devido período eram sempre recebidas com muita alegria, porque assim não eram prejudiciais para as plantações e conseguiam gerar empregos para os moradores do arquipélago, mas isso mudava quando a chuva era muito densa, ou quando a seca chegava junto com os seus ventos quentes do Saara africano e destruía toda a plantação.

as enxurradas abrem fendas, arrastam a terra vermelha nas vertentes, as ribeiras derramam no oceano o sangue rico da terra. Dos desmoronamentos só ossos ficam nos caminhos; o resto é devorado pelo mar, que envolve as ilhas de larga faixa cor-de-barro, como sinal derradeiro de uma carnificina sangrenta. O lento naufrágio da carne viva das ilhas é o preço da generosidade do Céu... (LOPES, 1989, p. 25).

Josefa, conhecida por Zepa, era esposa de José da Cruz. Quando vivia com os pais era vista como uma moça bonita, que sabia ler, escrever e fazer rendas, não servia para carregar peso. Após casar ajudava nas sementeiras e colheitas, cuidava dos animais e fazia longas jornadas com a família para comprar peixe. José percebia que em Zepa faltava a força que sua primeira esposa possuía, mas encontrava nela muita ternura, boas maneiras e asseio. Era uma mulher que na tentativa de amenizar os sofrimentos impostos pela realidade, ou escapar destes, se apegava a boas recordações, a momentos de felicidade. Zepa sonha acordada lembrando de sua juventude, sonha com dias melhores, como todos os moradores do arquipélago.

Sozinha, no meio do céu tão grande, parecia ainda mais pequena que aquele espelhinho redondo que a Zepa tivera, quando ainda moça — um espelhinho que lhe cabia na palma da mão e trazia a figura duma mulher bonita no reverso. Lembrava-se muito bem do rosto rosado, da boca vermelha sorrindo e da cabeleira encaracolada, cor de barba de milho, daquela mulher de grandes olhos claros e pestanas compridas. As raparigas mais engraçadas do Cidrão ficavam feias naquele espelhinho (LOPES, 1989, p. 55).

José da Cruz era um homem teimoso e persistente em suas ideias, mesmo que isso levasse à destruição da família. Enquanto esperavam outubro chegar para obter a confirmação de um ano bom ou não — pois era através das águas de outubro que o povo descobria a certeza da colheita, o mês era a encruzilhada que levava a dois destinos: fartura ou estiagem — a chuva acaba chegando para eles de forma escassa somente em novembro, e depois a *lestada*⁸ vem queimando as plantações, tornando tudo que é verde em amarelo. Com a vinda da seca, a solução que as famílias de Santo Antão encontraram foi de se mudar em grupos, abandonando os campos desolados em direção às montanhas, a maioria percorria esses caminhos atraídos pelos boatos de trabalhos oferecidos pelo do Estado na Estrada dos Lajedos. Todos menos José, para ele os que faziam aquele caminho com as suas famílias em direção às montanhas estragavam a própria vida, para ele cada homem tinha o seu destino marcado, e sair por esse mundo à toa era perder a raiz e a marca do seu destino.

Zepa implorava para que fossem embora em direção às montanhas, pois já não tinham mais o que comer, e temia pela vida de sua família, porém José da Cruz não a escutava, a mulher não possuía nenhuma influência nas decisões do marido. Esses pensamentos foram os que causaram a destruição da sua família, o romance vai mostrar isso quando Leandro, o filho mais velho de José, vai levar alguns alimentos para a família e descobre que seu irmão Jó havia falecido devido à fome,

⁸ Vento forte e persistente que sopra de leste especialmente no verão.

porém José da Cruz recusa tudo o que ele levou. Leandro sobrevivia através de roubos que cometia, e seu pai preferia ver o fim da família do que ir contra o que acreditava.

— Olha — disse José da Cruz dando um passo para o filho. — Pega no teu sarrão, com tudo o que tem dentro, e vai de novo pelo mesmo caminho que vieste. Tu sabes tão bem como eu por que não quero pôr a minha boca nessa comida, nem eu nem a minha família. Sai da minha casa, desgraçado. Toma a bênção, e vai na paz de Deus. Dessa vez Leandro compreendeu. O velho Zé da Cruz era homem duma palavra só; insistir com ele seria tempo perdido (LOPES, 1989, p. 138).

A partir desses acontecimentos a vida da família começa a retroceder gradativamente. Zepa após perceber que seu enteado havia seguido viagem com os mantimentos que foram trazidos para que a família tivesse alguma chance de sobreviver por mais algum tempo desesperou-se, saiu em busca de Leandro na escuridão, estava fraca, mas a esperança de o alcançar dava um pouco de resistência para percorrer o caminho. Porém, sem fósforos para iluminar o caminho acabou errando um passo e lhe faltou o chão debaixo dos pés, causando assim a sua morte. Somente após esse incidente José da Cruz cogita a possibilidade de seguir o caminho para as montanhas, pensando em salvar o que restou da família, porém acaba se entregando a uma tristeza profunda após a morte de sua esposa, e esqueceu a existência dos filhos Mochinho e Lela. Os filhos pequenos foram deixados no *esteirado*⁹ da cama entre as roupas; quando se lembrou de procura-los já era tarde demais. Para ele, a morte de Josefa representava o fim de tudo, precisou ir embora da sua terra sozinho e teve seu descanso enquanto percorria o caminho.

Lançou um olhar vítreo para a fita da estrada velha que se dirigia para o seio das montanhas. Estas barravam a vista. Não deixavam ver o outro lado da ilha. A sua casa ficava do outro lado da ilha. Zepa e os meninos estavam lá à espera. José da Cruz abraçou-se ao tronco da árvore. Uma grande nuvem negra abafou o sol. As montanhas, de repente, desabaram. Todas as luzes se apagaram e as trevas envolveram a ilha. E quando a árvore tombou e o tronco se desfez na escuridão, José da Cruz caiu desamparado... (LOPES, 1989, p. 197).

As famílias dos dois romances estão a todo momento enfrentando as consequências que a seca causa nas suas vidas. Quando o enredo parece trazer a esperança para esses personagens, com chuvas que trazem a promessa de dias melhores, a seca volta para ambas. Em “Vidas Secas”, a mesma faz com que a família de Fabiano precise se deslocar novamente, de forma cíclica, obrigando-os a retomar os caminhos em fuga e busca de uma ocupação, mostrando que enquanto a seca assolar o nordeste muitos Fabianos terão que deixar o sonho de criar raízes e ter uma vida um pouco mais digna para trás, mas ainda conseguem fugir dessa seca indo para um lugar em que as

⁹ Entrançado feito com canas espalmadas de carriço, usado em construção para aumentar a resistência de paredes, placas de betão, etc.

chuvas são mais proeminentes, o que não ocorre no outro romance, já que o único caminho que eles podem seguir para fugir são as montanhas. A insularidade faz com que eles não possam se deslocar para um lugar que de fato será mais chuvoso e que vai fazer com que eles não precisem se preocupar com a seca, porque os habitantes ainda permanecem presos ao arquipélago. Existe uma chance de sobreviver se deslocando para as montanhas, mas ainda isso representará viver de forma precária. Porém José da Cruz se recusa a abandonar a sua terra, fazendo com que eles morram de fome e causando, assim, a destruição deles por consequência da teimosia do patriarca.

Desta forma, verificamos que há proximidade na temática em ambos os romances, porém as circunstâncias dos enredos diferem, assim como o protagonismo dos personagens adultos.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este Trabalho de Conclusão de Curso possui seis capítulos, sendo o primeiro a Introdução, que apresenta o tema da pesquisa, os objetivos e o que será analisado ao decorrer do trabalho. No segundo, foram vistas as relações influentes da produção literária brasileira junto ao público-leitor e autores de Cabo Verde. Também a forte influência do neo-realismo na literatura brasileira, particularmente nos romances nordestinos da década de 30, que ressoa nas preocupações e na abordagem dos *claridosos* em relação aos problemas enfrentados por Cabo Verde, como a seca, a fome e a marginalização. A busca por uma identidade comum por parte dos autores cabo-verdianos, distanciada das imposições coloniais portuguesas, encontrou paralelos nas experiências retratadas por autores brasileiros.

No terceiro capítulo exploramos a literatura cabo-verdiana e a noção de insularidade, delineando a rica cultura e história que moldou as ilhas. O arquipélago de Cabo Verde foi marcado por uma história de colonização, comércio de escravos e independência tardia. A literatura cabo-verdiana, com suas raízes no nativismo e na luta contra a opressão colonial, emerge como uma voz única que ecoa a complexidade da experiência insular. A temática da insularidade, manifestada através da geografia, clima e fatores socioeconômicos, aparece como um fio condutor nas expressões artísticas cabo-verdianas. A solidão imposta pelo mar e a luta contra as limitações geográficas alimentam uma gama de emoções, desde a angústia até o desejo de transcendência, como exemplificado nos versos de Jorge Barbosa em seu “Poema do Mar” (BARBOSA, 1941, p. 30).

O estudo não apenas buscou compreender a interação entre literatura e insularidade em Cabo Verde, mas também destacar a relevância de tais narrativas para a compreensão mais ampla das dinâmicas culturais e sociais em regiões insulares e isoladas. A insularidade não é apenas uma limitação geográfica, ela surge como um poderoso catalisador criativo, alimentando a expressão artística e oferecendo perspectivas únicas sobre a vida e a identidade cabo-verdiana. Manuel Lopes, em "Os Flagelados do Vento Leste", destaca a relação simbiótica entre o homem e a natureza, mostra ao leitor a dura realidade de uma população refém das forças naturais, destacando a conformidade generalizada, mas também apresentando figuras como Leandro e Saltapedra, que desafiam ativamente o destino.

O quarto capítulo apresenta o Romance de 30, que faz parte da segunda fase do Modernismo brasileiro, e surgiu como um poderoso instrumento de reflexão e crítica social. No trabalho mostramos que o movimento literário, também conhecido como Romance Regionalista, Neo-Realismo e/ou Realismo Social, destaca-se por sua abordagem verossímil da realidade brasileira, especialmente focada na vida agrária. Autores como Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Rachel de Queiroz e Jorge Amado, entre outros, convergiram suas narrativas para a denúncia social, explorando as injustiças, misérias e diferenças de classe. Assim, o Romance de 30, com Graciliano Ramos como um de seus expoentes, permanece como um legado literário significativo, um espelho crítico de uma época de profundas contradições sociais e um convite à reflexão sobre as complexidades da vida no Brasil da primeira metade do século XX. O silêncio eloquente dos personagens de "Vidas Secas" ressoa ainda hoje, lembrando-nos da necessidade contínua de confrontar as injustiças e dar voz aos que são marginalizados na sociedade.

No quinto capítulo enfocamos o núcleo familiar dos romances "Vidas Secas", de Graciliano Ramos, e "Os Flagelados do Vento Leste", de Manuel Lopes, analisando os personagens adultos das famílias (pai e mãe). Destacamos as relações entre as duas obras, buscamos mostrar como a produção literária brasileira influenciou os autores cabo-verdianos, numa alternativa ideológica e literária, mostrando que uma obra dialoga com a outra, sendo a intertextualidade a relação de interação entre esses textos, ocorrendo de forma consciente ou inconsciente. Através da metodologia da Literatura Comparada são feitas as análises dos personagens dos romances, os aspectos que os diferem e os aproximam, e de como o contexto geo-social e ambiental em que eles foram escritos influenciou na criação dessas obras. Ambas as obras revelam a luta constante dos seres contra as adversidades ambientais e econômicas, evidenciando a relação intrínseca entre enredo, personagem e condições climáticas.

Apesar das diferenças geográficas e culturais, os romances convergem na temática da seca como força implacável que molda os destinos e testa a humanidade dessas personagens. A seca não é apenas um elemento climático, mas um símbolo do processo de desumanização, da persistência da luta humana e da busca por dignidade em meio à adversidade. Dessa forma, Graciliano Ramos e Manuel Lopes, cada um à sua maneira, contribuem para a compreensão da complexidade das relações entre o homem e o meio, utilizando a seca como pano de fundo para explorar questões sociais, econômicas e humanas. Essas obras permanecem como testemunhos literários poderosos que transcendem contextos específicos, oferecendo reflexões universais sobre a condição humana em relação às dificuldades da vida.

8 REFERÊNCIAS

BARBOSA, Jorge. “Poema do Mar”. In: FERREIRA, Manuel. *50 Poetas africanos*. Lisboa: Plátano, 1989 (p. 30).

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 2006.

CABAÇO, José Luís. *Cavaleiro da esperança (testemunho de um reencontro)*. In: Colóquio Internacional 100 anos de Jorge Amado (2012: Ilhéus, BA). Colóquio Internacional 100 anos de Jorge Amado: História, Literatura e Cultura / Organizadores: Flávio Gonçalves dos Santos, Inara de Oliveira Rodrigues, Laila Brichta. – Ilhéus, BA: Editus, 2013 (p. 235-244).

CANDIDO, Antonio. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

CHAVES, Rita. *Jorge Amado entre os escritores africanos*. In: Colóquio Internacional 100 anos de Jorge Amado (2012: Ilhéus, BA). Colóquio Internacional 100 anos de Jorge Amado: História, Literatura e Cultura / Organizadores Flávio Gonçalves dos Santos, Inara de Oliveira Rodrigues, Laila Brichta. – Ilhéus, BA: Editus, 2013 (p. 217-234).

COUTINHO, Eduardo F. e CARVALHAL, Tania F. (Orgs.) *Literatura Comparada: Textos fundadores*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

GOMES, Simone Caputo. *Cabo Verde e as pérolas do Atlântico: literatura como meio de resgate e preservação do patrimônio cultural*. Revista Estudos Linguísticos. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/1307/853>. Acesso em dez 2023.

JENNY, Laurent. A estratégia da forma. In: *Intertextualidades*. Trad. Clara C. Rocha. Coimbra, PT: Almedina, 1979. “Poétique”, no. 27 (p. 5-49).

LOPES, Manuel. *Os flagelados do vento leste*. São Paulo: Círculo do Livro, [s.d.].

MADEIRA, João. *A construção da nação em Cabo Verde: Do nativismo ao nacionalismo*. Desafios - Revista da Cátedra Amílcar Cabral, 2014 (p. 149-163).

MEDINA, Cremilda de Araújo. *Sonha Mamana África*. São Paulo: Epopéia: Secretaria de Estado da Cultura, 1987.

NITRINI, Sandra. *Literatura Comparada: história, teoria e crítica*. São Paulo, EDUSP, 1997.

PITA, A. L. *A insularidade cabo-verdiana além da questão geográfica e a emigração como consequência representada na arte*. *Conjuntura Internacional*, v. 14, n. 1, p. 68-79, 17 ago. 2017.

PORTO Editora – *Macaronésia* na Infopédia [em linha]. Porto: Porto Editora. [consult. 2023-09-20 23:25:40]. Disponível em [https://www.infopedia.pt/\\$macaronesia](https://www.infopedia.pt/$macaronesia).

RAMOS, Graciliano. *Vidas Secas*. Editora MOR, 2012. Disponível em: <http://lelivros.love/book/download-vidas-secas-graciliano-ramos-em-epub-mobi-e-pdf>.

RIDENTI, Marcelo. *GRACILIANO RAMOS E SUAS MEMÓRIAS DO CÁRCERE: CICATRIZES*. *Sociologia & Antropologia*, v. 4, n. 2, p. 475–493, jul. 2014.

SANTOS, N. A. dos. O Romance de 30: proposta de interpretação a partir das questões da modernização e do Estado. *Escrita da História, [S. l.]*, v. 2, n. 16, p. 207–228, 2022. Disponível em: <https://www.escritadahistoria.com/index.php/reh/article/view/275>. Acesso em: 29 set. 2023.

SOUSA, Noémia. *Sangue negro*. São Paulo: Kapulana, 2016. (Série Vozes da África).

TUTIKIAN, Jane, e BRASIL, Luis Antonio de Assis (Org.). *Mar horizonte: literaturas insulares lusófonas*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.